

Funai terá que pagar R\$ 604 mil para panarás

Justiça dá direito a tribo por ter perdido terra durante a construção da Rodovia Transamazônica na década de 70

Ilmar Franco

• BRASÍLIA. A Fundação Nacional do Índio (Funai) foi condenada ontem pelo Tribunal Regional Federal (TRF) da 1ª Região a indenizar em R\$ 604 mil a comunidade indígena panará, que foi dizimada durante a construção da Transamazônica.

A decisão foi adotada por unanimidade pela 3ª Turma do TRF, que acompanhou o voto do relator, o juiz Saulo Casali, que reconheceu o direito dos índios a serem indenizados por danos morais em quatro mil salários-mínimos. A Funai pode recorrer da decisão ao Superior Tribunal de Justiça (STJ).

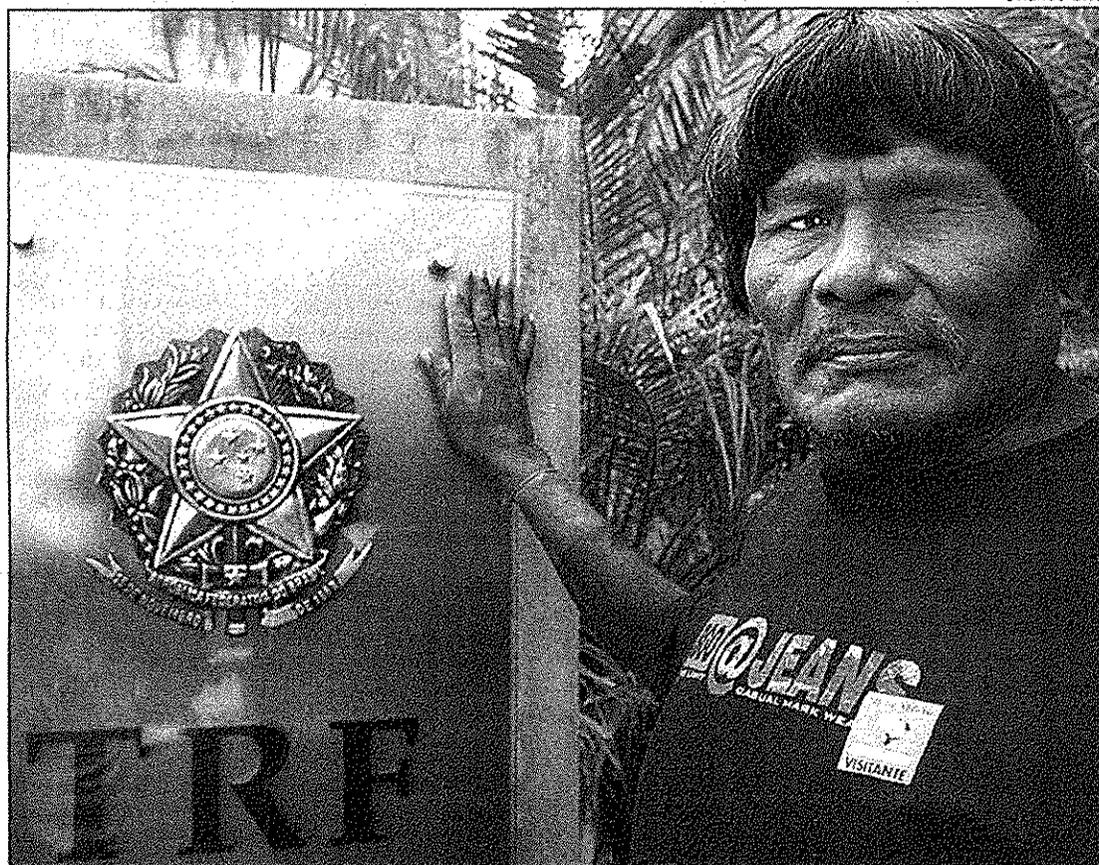
Os índios, que em sua língua se denominam krain-a-kores, que quer dizer homens grandes, foram transferidos na década de 70 para o Parque do Xingu, sendo retirados da área em que viviam para permitir a construção de um trecho da Transamazônica.

Juiz diz que transferência provocou desagregação

O relator considerou que esta transferência levou à desagregação social da comunidade e a mortes decorrentes do contato com as doenças dos brancos.

Entre os anos de 1973, quando foi feito o primeiro contato com os krain-a-kores, e 1975 morreram 175 índios de gripe e diarreia. Os 79 sobreviventes foram transferidos pela Funai para o Parque do Xingu.

Os índios viviam numa área que foi cortada pela construção de um trecho da BR-163, que liga Cuiabá, em Mato Grosso, a Santarém, no Pará.



TEISEIA, CACIQUE dos panarás, no Tribunal Regional Federal, à espera do julgamento da ação contra Funai

Transferidos em 1975 para o Parque do Xingu, os homens grandes tiveram que conviver com seus inimigos históricos, os caiapós, o que acabou provocando mais dez mortes.

Índios receberam 490 mil hectares de terra

Em 1994, 200 sobreviventes voltaram para suas terras nos municípios de Matupá, em Mato Grosso, e Altamira, no Pará. Eles tiveram que se contentar em viver numa área de 490 mil hectares, na região do Rio Peixoto de Azevedo, já que parte de suas terras foi ocupada por cidades e degradada pelo garimpo.

Um ano depois uma organi-

zação não-governamental (ONG), o Instituto Socioambiental, que se dedica à questão indígena, entrou com uma ação judicial, pedindo a indenização.

Durante o processo, ainda na primeira instância, os irmãos Cláudio e Orlando Villas-Boas, então funcionários da Funai, e que fizeram os primeiros contatos com a tribo, reconheceram que fizeram a transferência às pressas.

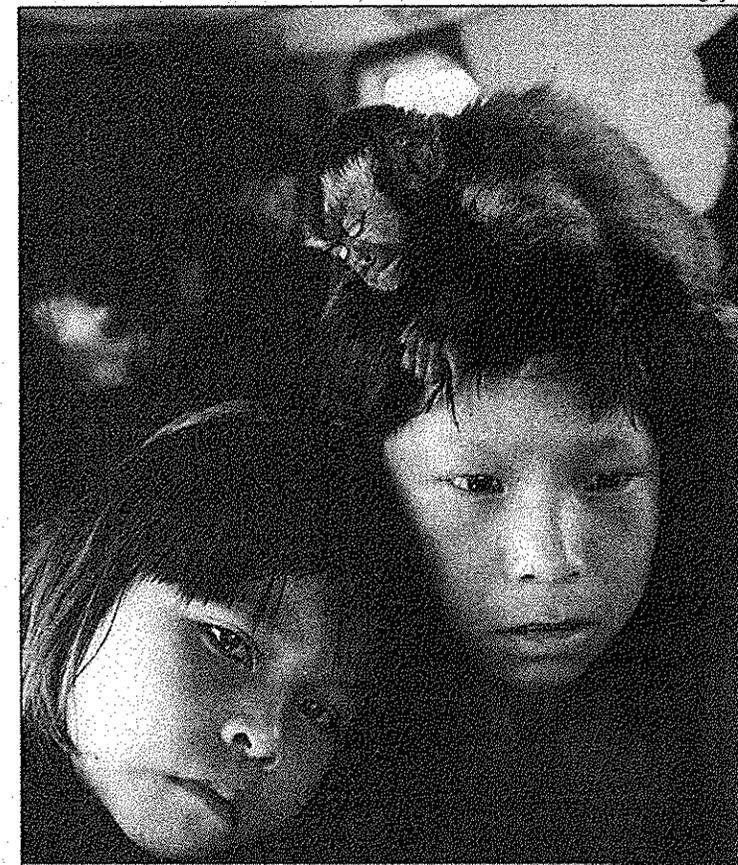
Eles alegaram que tiveram que proceder dessa forma porque foram pressionados pelo militares, pois a construção da Estrada Cuiabá-Santarém já estava cortando as terras indígenas.

Os dois sertanistas disse-

ram ao juiz da 7ª Vara Federal de Brasília, Novely Vilanova da Silva Reis, que quando o contato oficial com os índios foi feito muitos já tinham morrido por causa das doenças provocadas pela convivência com os operários dos canteiros de obras.

Reserva foi demarcada somente em 1998

Desde 1998, quando o atual ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Nelson Jobim era ministro da Justiça, a área da tribo foi oficialmente reconhecida como reserva indígena. Naquele mesmo ano, as terras dos krain-a-kores foram demarcadas pelo Governo federal. ■



CRIANÇAS DA TRIBO panará: transferência provocou muitas mortes

▶ Leia mais sobre a tribo

• Conhecidos como os índios gigantes do Mato Grosso, por serem mais altos que a média dos xinguanos, os krain-a-kore foram pacificados em 1973 pelos irmãos Villas Boas. A aproximação com o branco foi uma necessidade da construção da Rodovia Cuiabá-Santarém que cortava a terra dos índios. Preocupada com possíveis confrontos dos índios com os operários que abriam a nova estrada, a Funai encomendou a expedição aos irmãos Vil-

las Boas.

Os krain-a-kore ocuparam entre 1500 e 1900 áreas enormes do oeste de São Paulo até o Norte do Mato Grosso. No início do século, com a gradativa ocupação branca do Centro-Oeste, os índios começaram a ser empurrados para o Norte. A Cuiabá-Santarém acabou com o isolamento dos 220 krain-a-kore e com suas terras, que foram ocupadas por garimpeiros e aventureiros. Um ano e meio após a pacificação, sobravam apenas 79.